



Oribela e Ammu sob o olhar de Simone de Beauvoir

Juliana Cristina Minaré Pereira¹

RESUMO:

O presente artigo pretende discutir, a partir da leitura de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, a condição feminina através de Oribela e Ammu, personagens principais das obras *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, e *O Deus das pequenas coisas* (1998), de Arundhati Roy, respectivamente. Em ambas as obras há a representação da brutalidade imposta ao corpo das mulheres pelo sistema patriarcal, presente nas duas narrativas, sobretudo no que diz respeito ao matrimônio, foco desse debate. Objetivando compreender tais situações, utilizar-se-ão as proposições beauvorianas sobre a subjugação feminina, independente da cultura na qual a mulher está inserida.

PALAVRAS-CHAVE:

Simone de Beauvoir;
Literatura de Autoria
Feminina;
Oribela;
Ammu;
patriarcado.

A autora:

¹ Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FCLAr Unesp / Campus Araraquara. Doutoranda pelo mesmo programa. E-mail: juliana.minare@unesp.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2667-6848>.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto pretende adentrar no universo feminino, buscando a compreensão da condição das mulheres expressas em dois romances contemporâneos, através da perspectiva beauvoriana. A motivação dessa pesquisa advém da inquietação provocada pela leitura das obras *Desmundo* (1996), de Ana Miranda e *O Deus das pequenas coisas* (1998), de Arundathy Roy, já que ambas têm em suas centralidades narrativas figuras femininas que sofrem na pele o peso de serem consideradas o 'outro', o 'inessencial', como aponta Simone de Beauvoir. No que tange aos universos romanescos em debate, vale acrescentar, ainda, que se tratam de representações de espaços, tempos e culturas completamente distintos, a saber, oriente e ocidente, entre outras. O primeiro se passa no Brasil Colonial e o segundo na Índia Pós-Colonial, no entanto, as imposições ao corpo feminino são, de certo modo, as mesmas, sobretudo no que diz respeito ao matrimônio.

Na obra brasileira, Ana Miranda traz para o leitor uma perspectiva feminina do período colonial brasileiro. A narrativa se desenvolve pelo olhar de Oribela, órfã que é enviada ao Brasil para se casar com um dos colonos que já estavam aqui e, com a ausência de mulheres brancas, estavam 'vivendo em pecado', se misturando com as indígenas e as negras. Francisco de Albuquerque, marido da personagem, além das relações amorosas estabelecidas com índias, também teve um caso com sua mãe, tendo com ela uma filha com deficiência. Diante disso, a função social de Oribela era cumprir seu papel feminino, casar-se e contribuir para a construção de uma sociedade cristã, reflexo da Matriz portuguesa. Já na obra indiana, tem-se a história de uma jovem que 'escolhe' seu marido, mas com o objetivo claro de se livrar das imposições patriarcais da família. No entanto, essa é uma decisão fadada ao fracasso porque o sistema está em todos os lugares e Ammu descobre-se unida com um alcoólatra agressivo que tenta negociá-la com seu chefe para manter seu emprego. Assim, a personagem sofre duplamente, com o casamento frustrado e com o retorno para casa, enfrentando a sociedade patriarcal e preconceituosa de que tanto desejou fugir.

Colocadas essas questões chave do *corpus* narrativo, faz-se necessário apresentar pontos fundamentais e introdutórios do pensamento de Beauvoir, presentes em sua obra *O segundo sexo*, publicado em 1949, e que se transformou em referência obrigatória para se pensar o lugar ocupado pelas mulheres no mundo. Suas reflexões são elementares para que se compreenda a razão que leva tantas mulheres a serem submetidas às mais diversas situações de abuso e abandono. Aqui, a pro-

posta é verificar como isso ocorre na literatura, já que esta é um reflexo da sociedade da qual é produzida, principalmente no que diz respeito à autoria feminina, forma de luta e resistência contra o sistema masculino opressor, que vigora em todos os cantos do mundo.

Suas reflexões se iniciam, de maneira enfática, questionando a necessidade de se escrever uma obra sobre mulheres, já que não seria pertinente tal escrita para os homens, pois são eles que dominam os espaços e comandam as regras do jogo social. Assim, para as mulheres, pensar sobre sua condição torna-se fundamental para entender os motivos pelos quais a subalternidade é sua fiel companheira. Desse ponto, Beauvoir passa, então, a discutir sobre o que seria o ser mulher, o que determina essa condição, além da evidência de 'que há fêmeas na espécie humana' e segue em sua reflexão:

[as fêmeas] constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade 'corre perigo'; e exortam-nos: 'Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres'. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade (BEAUVOIR, 2016, p. 09).

A partir do questionamento em relação à pertinência de um estudo sobre a mulher, é colocada em debate a feminilidade, elemento basilar no entendimento da condição feminina. Dessa maneira, é perceptível que esse 'ideal feminino', que se trata de um padrão a ser seguido por todas as mulheres e que as define enquanto tal, é um dos mecanismos de opressão social que pesa sobre o corpo feminino. Para as que já estão enquadradas, pesa a manutenção e para as outras, diga-se, "desviadas", pesa a ausência dessa característica que a torna mulher, conforme os preceitos sociais que, via de regra, são determinados pelos homens, através do sistema patriarcal, que se define por "[...] ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e de leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero [...]" (TIBURI, 2018, p. 40). Assim, "temos a realidade do patriarcado funcionando como um títere que manipula a vida das mulheres, determinando regras comportamentais e, sobretudo, sexuais" (PEREIRA, 2019, p. 12). Para a filósofa francesa, acima citada, isso se dá pela seguinte razão:

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos 'os homens' para designar os seres humanos, tendo-se assimila-

do ao sentido singular do vocábulo latino *vir* o sentido geral do vocábulo *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade [...] um homem está no seu direito sendo homem, é a mulher que está errada (BEAUVOIR, 2016, p. 11).

Essa colocação é fundamental para entender esse sistema social invisível que rege a sociedade e determina a mulher, enquanto ser inferiorizado perante o homem. Esse, ao se colocar na centralidade da vida, o que está no entorno passa a ser secundário, marginal. Ora, se o homem é a centralidade, às mulheres sobram a obediência em relação àqueles que mandam. Nas narrativas em análise isso fica evidente de muitas maneiras. Beauvoir resume a discussão,

A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o 'sexo' para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 2016, p. 12).

A partir dessa perspectiva, da mulher como o inessencial, como ser inferior, aqueles que mandam agem de acordo com seus próprios interesses. Oribela, em *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, e Ammu, em *O Deus das pequenas coisas* (1998), de Arundhati Roy, são encerradas na condição feminina, que está diretamente relacionada ao corpo e à sexualidade, sendo obrigadas a cumprirem os papéis sociais determinados pela sociedade. Nesse excerto: "Pappachi insistiu que a universidade seria uma despesa desnecessária para uma moça, de forma que Ammu não teve outra escolha senão deixar Délhi e mudar-se com eles" (ROY, 2008, p. 46) fica clara a falta de opção dada à Ammu para que pudesse ter independência. A ela foi negado o direito à educação e, conseqüentemente, restou-lhe o casamento para "escapar de Ayemenem e das garras de seu pai mal-humorado e da mãe amarga e sofrida" (ROY, 2008, p. 47). Fica evidente, assim, que sempre há um homem determinando o que a mulher deve ou não fazer, quais regras e qual o destino a ser cumprido por ela. A partir disso, segue-se para outro ponto elementar do pensamento beauvoriano, que questiona a razão pela qual as mulheres se mantêm num lugar de submissão, como se lê a seguir:

Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definido como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De onde vem essa submissão da mulher? (BEAUVOIR, 2016, p. 14).

A pensadora coloca o dedo na ferida ao problematizar a submissão feminina e essa pergunta se faz necessária por ser verdade que isso ocorre em diversas circunstâncias, infelizmente. É possível, no entanto, buscar entendimento dessa postura dentro das narrativas em análise. Oribela, ao fugir de seu marido sofre duplamente: é estuprada por marinheiros que se sentiram no direito de agredi-la, ao a virem sozinha, sem a proteção de um homem e depois, é arrasta por seu marido até sua casa, ficando presa pelos pés como castigo pela petulância da fuga, como se lê, a seguir:

Partiu Francisco de Albuquerque em seu cavalo, sem tornar atrás os olhos para ver se eu me arrastava ou caminhava, pela estrada, trilhas, lonjuras, espinhos, cascalhos, pedras, sementes, gravetos, estrume, sem paradas para um repouso, sem nunca em esse tempo me dar de comer coisa alguma, nem água, os pés cada vez mais em suas gritas e sangue brotando deles, por todas as léguas entre a cidadee o fortim, horas que pareceram cem anos de inferno, sem respeito por minha pena, sem ouvido por minhas súplicas, bem afrontada e chorando minhas desventuras (MIRANDA, 1996, p. 113).

Com esse exemplo, é possível inferir que uma das possibilidades para essa submissão é a certeza da punição, do sofrimento e da dor corpórea e moral de tentar romper com o ciclo de abuso. Essa realidade de sofrimento se faz presente também na história da Ammu. Ao se separar do marido, é obrigada a voltar para casa dos pais com duas crianças, e lá, no seio de seu lar, sofre todo tipo de humilhação por ser uma mulher separada, um peso e uma vergonha para a família: "Sabia que para ela não havia mais nenhuma chance. Agora só havia Aymenem. Uma varanda da frente e uma varanda dos fundos. Um rio quente e uma fábrica de pickles. Ao fundo, o miado constante, alto, murmurante, da censura local" (ROY, 1998, p. 51). Nesses exemplos ficcionais, é possível perceber o que faz com que muitas mulheres permaneçam em estado de submissão. As consequências são dolorosas para aquelas que ousam fugir à regra. Assim, nem todas têm a coragem de enfrentar o que a sociedade tem a oferecer para uma mulher que não obedece, perpetuando o ciclo de subjugação e desmando.

No que tange à submissão, é possível dizer também que muitas mulheres, como se vê nas personagens secundárias da narrativa, preferem manter o *status quo* em relação ao patriarcado, sendo, inclusive, porta vozes dos direitos masculinos de domínio sobre a vida das mulheres.

Em verdade, a natureza, como a realidade histórica, não é um dado imutável. Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. Os proletários dizem ‘nós’. Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em ‘outros’ os burgueses, os brancos. As mulheres – salvo em congressos que permanecem manifestações abstratas – não dizem ‘nós’. Os homens dizem ‘as mulheres’ e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito (BEAUVOIR, 2016, p. 15).

Essa falta de companheirismo e união fica expressa de maneira evidente em *O Deus das pequenas coisas*. Ammu não tem apoio das mulheres de sua família e é constantemente humilhada por elas, após voltar para casa, ao terminar um casamento falido, com um homem que a espancava. Importante discutir que essa falta de sororidade, ou seja, de apoio entre as mulheres, está presente nas duas obras. Oribela sofre preconceito da rainha de Portugal e pratica preconceito contra as indígenas. Ammu, por sua vez, sofre preconceito de Baby Kochama, como se vê a seguir:

Ela adotava plenamente a posição geralmente aceita de que uma filha casada não tinha mais lugar na casa dos pais. Quanto a uma filha *divorciada*, segundo Baby Kochamma, essa não tinha lugar em parte alguma. E quanto a uma filha *divorciada* de um casamento por amor, bem, não havia palavras para descrever como Baby Kochamma se sentia ultrajada. Quanto a uma filha *divorciada* de um casamento *inter-religioso* por amor... Baby Kochamma preferia manter um trêmulo silêncio sobre o assunto (ROY, 1998, p. 53).

Nessa passagem, percebe-se que uma personagem feminina pode ser ainda mais cruel que um homem ao defender os ideais patriarcais. Ao se sentir ultrajada, Baby Kochamma diz, implicitamente, que era necessário que Ammu permanecesse onde estava, mantendo o casamento independente do que lhe acontecia. Essa era a regra. Dessa questão, se desdobra outro ponto, que faz com que as mulheres se mantenham nesse lugar de obediência, tanto em relação à família, quanto em relação ao marido. Ao ser enviada para o Brasil, Oribela deixa de ser um peso financeiro para a Coroa Portuguesa, e o mesmo acontece com Ammu, ao se casar e sair da ca-

sa dos pais. Seu retorno significa, além da vergonha da separação, um peso financeiro para a família. Nesse sentido, Beauvoir (2016, p. 17) acrescenta: "O homem suzerano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios". Dessa reflexão, é possível compreender porque muitas mulheres permanecem no lugar de subjugação, pois dependem financeiramente, ora dos homens da família, ora dos maridos.

A essa discussão, vale acrescentar que há um impedimento constante para que a mulher consiga seu próprio sustento, como já exemplificado acima, com a negação do estudo para Ammu. A ausência da possibilidade de estudar e trabalhar impede que a mulher consiga caminhar sozinha, conseqüentemente, permanece na dependência de algum homem.

O homem que constitui a mulher como o Outro encontrará, nela, profundas complicitades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro (BEAUVOIR, 2016, p. 18).

Ante às impossibilidades de mudança, as mulheres perpetuam seu lugar de Outro, de subjugada. Nas narrativas que compõem o *corpus*, as personagens principais lutam contra o sistema patriarcal, mas sofrem duras sanções por suas atitudes contraventoras. E essas reflexões beauvorianas são cruelmente verdadeiras e, apesar de se terem passado 70 anos, da primeira edição do *O Segundo Sexo*, já que ocorreu em 1949, essa realidade se confirma ainda hoje, século XXI, para muitas mulheres, que se veem presas a essa amarra junto aos homens, a exemplo da recente fala polêmica gerada pelo pastor episcopal, Silas Malafaia, sobre o fato de não ter permitido que suas filhas estudassem; como se observa nas palavras no mesmo:

Você vai fazer até o ensino médio. Depois, se você quiser fazer a faculdade, você que sabe, mas até o seu casamento você vai ser apenas uma pessoa de ensino médio.
Se ela fosse doutora [Cristiane] e estivesse um grau de conhecimento elevado, encontrando um rapaz que tivesse um grau de conhecimento baixo, ele não seria o 'cabeça'. Ela seria o 'cabeça'. E se ela fosse o 'cabeça', não serviria a vontade de Deus.¹

¹ Fonte: <https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2019/09/24/edir-macedo-explica-porque-nao-deixou-que-as-filhas-entrassem-na-faculdade-querio-elas-casadas-com-machos/>

Apoiado na Bíblia, o pastor justifica que é a 'vontade de Deus' que o homem seja o 'cabeça' da relação. Essa fala exemplifica, com clareza, tudo que tem sido discutido até aqui, do homem como o centro do sistema patriarcal e da mulher como o outro, que aceita e se submete ao que é determinado por aquele que domina. Esse tipo de pensamento, infelizmente, ainda faz parte da sociedade e se perpetua de muitas maneiras no objetivo de manter a mulher na condição de subjugação. Aqueles que detêm o poder não querem deixar de tê-lo.

Apresentados os pontos iniciais da discussão de Simone de Beauvoir, porém elementares para o entendimento da condição feminina, que ainda se perpetuam, nos dias atuais, e das obras objeto dessa análise, encerra-se essa introdução com mais questionamentos que respostas para o entendimento dessa celeuma, que se mantém ao longo dos séculos.

O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? (BEAUVOIR, 2016, p. 26)

Oribela, no século XVI, e Ammu, no XX, representam na literatura o que é ser mulher numa sociedade patriarcal. As filhas de Silas Malafaia materializam essa realidade em pleno século XXI. Diante disso, reforça-se sempre a importância desses debates sobre as mulheres, para que essa condição de outro seja alterada e que haja, enfim, igualdade entre os gêneros. A partir desses apontamentos e sempre objetivando alterar essa conjuntura de desfavorecimento, parte-se, então, para a discussão sobre a Literatura de Autoria Feminina, algo elementar para entender como as narrativas canônicas entorno das mulheres foram construídas, e como isso pode ser desestabilizado, a partir do momento em que as próprias mulheres contam suas histórias e denunciam o que é ser mulher sob o jugo patriarcal.

2. LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E O PENSAMENTO BEAUVOIRIANO

Ao se dar crédito às reflexões beauvorianas sobre a falta de união feminina, surge um desdobramento para essa discussão, que diz respeito à falta de oportuni-

dade das mulheres de contarem sua própria história, sendo fundamental, portanto, falar sobre a literatura de autoria feminina.

[...] a mulher, não participando da história, não lhe compreende as necessidades; desconfia do futuro e almeja sustar o tempo. Não pressente nenhum meio de reprovar o céu se abaterem os ídolos propostos por seu pai, seus irmãos, seu marido; esforça-se encarniçadamente por defendê-los (BEAUVOIR, 2016, p. 411b).

As referências femininas são sempre masculinas, há uma dificuldade imensa de refletir a partir do seu ponto de vista. Dessa maneira, o pensamento masculino de dominação perpetua-se, ao longo dos tempos. Por outro lado, se cria a oportunidade de observar a vida de uma nova perspectiva, as possibilidades de compreensão do mundo se expandem. Em outras palavras, a partir do momento em que uma mulher conta sua história e outras a leem, o campo de visão muda e passa a existir uma maior proximidade entre as figuras femininas, criando uma identificação entre as mesmas.

Não tem passado, não tem história nem religião própria; não têm, como os proletários, uma solidariedade de trabalho e interesses; não há sequer entre elas essa promiscuidade espacial que faz dos negros dos EUA, dos judeus dos guetos, dos operários de Saint-Denis ou das fábricas Renault uma comunidade. Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens – pai ou marido – mais estreitamente do que a outras mulheres (BEAUVOIR, 2016, p. 16).

Diante dessa falta de união, de agrupamento, é possível refletir e acrescentar ao debate a importância da literatura de autoria feminina e do movimento feminista² como um todo como forma de união no combate à ausência de história e fraternidade entre mulheres, devido ao fato de que a Literatura sempre foi composta e definida pelos homens. Além das áreas descritas por Beauvoir, acrescenta-se a literatura como uma das carências impostas às mulheres, tanto no que diz respeito ao

² "O feminismo é um movimento político que reivindica a libertação da mulher de todos os padrões e expectativas comportamentais baseadas na discriminação de gênero. O feminismo tem própria historicidade que articula luta, militância e fundamentação teórica, tanto que, hoje, está consolidado como discurso de caráter intelectual, filosófico e político que busca demolir os padrões que conferem base às opressões impostas às mulheres ao longo da história da humanidade" (SILVA, 2019). Vale acrescentar, ainda, que o movimento é dividido em ondas e Simone de Beauvoir, com a publicação de *O Segundo Sexo*, inaugura a segunda onda, que passa a discutir a discriminação entre sexo e gênero.

acesso à leitura, quanto ao poder de produzir sua própria literatura, área dominada, maciçamente, pelas mãos masculinas, levando a dois problemas centrais. O primeiro diz respeito ao impedimento de acesso ao conhecimento e o segundo, a uma naturalização das mulheres como ser inferior, através das páginas dos livros, já que muitas das personagens femininas idealizadas por autores homens são encerradas ora na biologia e na casa, ora na bruxaria e malignidade. Isso pode ser confirmado, com Beauvoir:

Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à Terra. As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios (BEAUVOIR, 2016, p. 19).

Desse excerto, depreende-se que as mulheres sempre foram afastadas do universo do pensamento, estando condenadas a aceitar o que os homens diziam sobre si, perpetuando seu lugar de subjugação. Nesse sentido, a resistência, através da escrita, torna-se indispensável, já que a literatura se transforma em ferramenta de expressão e de transformação, na medida em que novos olhares são lançados para questões, antes vistas e descritas apenas pelo olhar masculino. Assim, vale acrescentar as palavras de Lúcia Zolin:

Ao se dedicar ao trabalho de resgate e reavaliação de obras de autoria feminina, o feminismo crítico, erigido sobre o pensamento pós-estruturalista que busca desconstruir a neutralidade que supostamente marcaria a construção do saber, revisita as categorias instituídas da crítica literária a fim de ampliar as perspectivas de análise; submetê-las a um outro olhar, um olhar capaz de detectar e de desnudar particularidades a que a convenção masculina esteve atenta (ZOLIN, 2019, p. 320).

A luta das mulheres para ter acesso ao conhecimento sempre existiu. No entanto, essa tentativa de expressar-se pelas letras sempre foi abafada pela sociedade, a exemplo das obras produzidas no século XIX, que foram silenciadas por serem escritas por mulheres. Essa realidade começa a sofrer alterações na medida em que obras como *O Segundo Sexo* passam a existir, refletindo e questionando essa ausência feminina em vários locais da sociedade, principalmente nas áreas de conhecimento. Com o adensamento dos movimentos feministas, surge então a crítica feminista, na segunda onda, que passa a resgatar esses escritos de mulheres que antes eram silenciados. Dessa maneira, cria-se uma força dentro do mercado literário que

passa a dar voz a essas produções e impulsiona a literatura de autoria feminina como forma de a mulher contar e recontar sua história.

Nesse sentido, Oribela torna-se fundamental, já que surge no cenário literário para reviver a história das órfãs enviadas ao Brasil de uma perspectiva completamente diferente da história conhecida. O que se sabe da colonização brasileira está, normalmente, associada à bravura do povo português. *Desmundo*, no entanto, da perspectiva da narradora, demonstra as atrocidades cometidas contra essas crianças, que eram obrigadas a se casarem com homens muito mais velhos, sofrendo todo tipo de abuso. *O Deus das pequenas coisas*, de Arundhati Roy, não é menos importante nesse cenário. Apesar de não ter Ammu como narradora, conta a história de um povo e uma cultura que oprimem as mulheres, transformando-se em ferramenta de denúncia e questionamento sobre várias questões femininas, como a falta de oportunidade de estudar e a exclusão social advinda da separação de seu marido. Dessa maneira, a literatura de autoria feminina ganha destaque pois "o fundamental é perceber que não se trata apenas da possibilidade de falar [...] mas da possibilidade de 'falar com autoridade', isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido" (DALCASTAGNÈ, 2012, Localização 304-307).

3. O MATRIMÔNIO COMO FERRAMENTA DE APRISIONAMENTO

Ao se adentrar nos universos ficcionais do *corpus* de maneira mais intensa e profunda, abordar-se-á a questão do matrimônio, um assunto caro para a realidade feminina, já que esse é o destino certo para as mulheres, sua função no mundo, para não se tornarem um peso, como se verá a seguir. Sobre essa questão, Simone de Beauvoir faz importantes reflexões que ajudam a compreender a condição das personagens, em análise. É válido salientar que a obra beauvoriana está focada na sociedade ocidental, na realidade europeia e tem-se nesse trabalho a representação de outras culturas, que são muito diferentes, principalmente, na obra indiana, que está num contexto oriental. No entanto, essas diferenças são suplantadas quando se percebe a similaridade dos abusos quando o assunto é a mulher. Cada apontamento de *O Segundo sexo*, ganha pertinência nas narrativas em análise, como, por exemplo, em relação às amarras impostas pelo casamento, o que evidencia a necessidade desse debate para que tal quadro possa ser alterado, independente do contexto sócio histórico em que se encontra a mulher. Assim, Simone de Beauvoir sentencia:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram,

ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sintase ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição (BEAUVOIR, 2016, p. 185b).

Essa é a função feminina no mundo: casar-se. O não cumprimento dessa sentença provoca inúmeros problemas, já que a mulher, que não se casa, passa a ser um peso para a família e para a sociedade. Nas narrativas em análise, essa questão é facilmente detectável. Em *Desmundo*, Oribela perde a mãe e seu pai lhe entrega para o convento, numa tentativa de dar destino à filha, evitando a prostituição. A partir do momento em que passa a ser responsabilidade da Rainha de Portugal, o corpo de Oribela torna-se sua propriedade e o casamento, o único caminho a ser seguindo, porque, além desse destino certo, as órfãs contribuiriam para a formação da sociedade da colônia brasileira, que refletisse valores e padrões éticos e estéticos da matriz. Em *O Deus das pequenas coisas*, Ammu casa-se, precipitadamente, para se livrar dos desmandos praticados pelos homens de sua família, mas apenas troca de sofrimento, já que o marido é alcoólatra e a espanca todos os dias. Esse fato está bem explicitado nas palavras de Stuart Mill, em *A sujeição das mulheres*, quando diz "Tudo que afirmo agora é que, para aquelas a quem nada é permitido a não ser a servidão, a livre escolha dessa servidão é o único, embora dos mais insuficientes, paliativo" (MILL, 2017, p. 267).

O autor está se referindo ao direito de divórcio conquistado pelas mulheres. No entanto, isso se aplica no caso de Ammu, que não possuía outra alternativa, a não ser o casamento e pôde escolher esse 'paliativo' que, na verdade, transformouse num pesadelo. O que se coloca é o fato de que, mesmo podendo escolher, não existe liberdade porque o matrimônio é o único caminho. Dessa maneira, essa alternativa de escolha é apenas mais um elemento da hipocrisia do sistema patriarcal, como é possível ler no excerto: "Ele propôs casamento a Ammu cinco dias depois de se conhecerem. Ammu não fingiu estar apaixonada por ele. Simplesmente avaliou as possibilidades e aceitou. Achou que *qualquer coisa*, qualquer um, seria melhor que voltar para Ayemenem" (ROY, 1998, p.47). A personagem é sincera em relação ao que sente, evidenciando a falta de opção disponível.

Além das características similares de não terem direito a determinar seu próprio destino, Oribela e Ammu enfrentam o sistema e se separam de seus maridos, sofrendo na carne a dureza de não corresponder aos anseios sociais a elas atribuídos. Oribela é amarrada em um cavalo e arrastada mata adentro para voltar para casa. Ammu, por sua vez, é obrigada a retornar para a casa dos pais, de onde ansiou fugir através do casamento, e sofre todo tipo de humilhação por ser uma mulher separada e com duas crianças para criar. Ela se transforma no peso, o pária da soci-

idade, como diz Beauvoir (p. 187b), “a liberdade de escolha da jovem sempre foi muito restrita; e o celibato – salvo em casos excepcionais em que se reverte de caráter sagrado – a rebaixa ao nível do parasita e do pária; o casamento é seu ganha-pão e a única justificativa social da sua existência”. Na obra brasileira, apesar de haver a entrega do corpo de Oribela para o celibato, sua ‘função social’ falou mais alto e ela foi obrigada a se casar. Ammu ‘fez uma escolha’, mas não tinha outra opção, nem em relação ao marido, nem em relação à criação de uma oportunidade de não depender de ninguém, já que sua família a impediu de estudar.

Dessa maneira, as duas personagens representam de maneira dura as questões que estão sendo questionadas nas narrativas. É importante frisar que são contextos que, além de terem a diferença cultural, há a diferença temporal do que está sendo narrado. A obra brasileira trata da realidade no período colonial, século XVI, e a indiana, século XX, no contexto pós-colonial, no entanto, os desmandos se repetem em relação à mulher, principalmente, quando o assunto é o casamento, que representa valores tradicionais de qualquer cultura, mas que se manifesta de maneira distinta para homens e mulheres, como se vê a seguir, ainda nas palavras de Beauvoir de *O segundo sexo*:

O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres construíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina (BEAUVOIR, 2016. p.186b).

Beauvoir demonstra, nessa passagem, a disparidade que fundamenta o elo marital. Apesar de necessário para a manutenção da sociedade, o matrimônio não se apresenta de maneira igual para os envolvidos, pois, como já dito, as regras sociais são determinadas pelo patriarcado, que tem como mantenedor a voz masculina. Em outras palavras, quem dita as regras matrimoniais é o homem em colaboração com as instituições religiosas, não por acaso, comandadas por homens. Diante disso, é possível perceber a disparidade que se estabelece entre homem e mulher, ao se casarem.

Mas não é à mulher ela própria que o homem dirige um apelo: é a sociedade dos homens que permite a cada um de seus membros realizar-se como esposo ou como pai; integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pais e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens (BEAUVOIR, 2016. p.186b).

A partir dessa colocação beauvoriana, pode-se perceber que o matrimônio é mais uma ferramenta social de controle feminino, já que é instituído para dar ao homem a possibilidade de se engrandecer e é a forma de a família se livrar do peso de uma mulher solteira dentro de casa, já que "tornam-se socialmente resíduos. Eis por que as mães sempre procuraram tão avidamente casá-las" (BEAUVOIR, 2016. p.187b). A partir dessas questões e de tudo que já foi dito até o momento sobre o *corpus*, percebe-se que nas duas narrativas esses ideais do matrimônio como controle da mulher e benefício para o homem estão claros, sobretudo em *Desmundo*. Francisco de Albuquerque foi 'salvo' do pecado. Ao se casar com Oribela, passou a ser um homem seguidor das regras sociais, deixando de viver em pecado com as índias, negras e a própria mãe. No entanto, essa norma se aplica apenas na teoria, pois, na prática, a apropriação dos corpos das índias se manteve igual: "se deitava com os naturais e as fornicava à minha vista, como para humilhar, mas a um modo de cachorros, em joelhos" (MIRANDA, 1996, p. 113). Apesar de não ser o foco dessa discussão, vale ressaltar também a brutalidade em relação às índias e as negras, tratadas como objeto de prazer e satisfação, mas que não serviam para constituir família.

Em *O Deus das pequenas coisas*, há outra representação explícita da condição da mulher no casamento, pois Ammu deixa a cidade dos pais para acompanhar o marido, tal como analisa a filósofa francesa, ao dizer que a mulher,

[...] segue para onde o trabalho dele a chama; é essencialmente de acordo com o lugar em que ele trabalha que se fixa o domicílio conjugal; mais ou menos brutalmente ela rompe com o passado, é anexada ao universo do esposo, dá a ele sua pessoa, deve a ele a virgindade e uma fidelidade rigorosa (BEAUVOIR, 2016. p.189b).

O marido da personagem trabalhava em uma fazenda de chá, em Assan, distante de Ayemenen, e a esposa o seguiu após o casamento. A narrativa não deixa claro qual o sentimento de Ammu, no que diz respeito à mudança. É possível inferir uma certa satisfação já que ela queria ficar longe das imposições da família. Entretanto, essa distância foi prejudicial, pois os familiares não sabiam o que ela passava na mão do marido bêbado, tampouco acreditaram que ele quis negociá-la com o chefe: "Pappachi não acreditou na história dela, não porque tivesse consideração por seu marido, mas simplesmente porque não acreditava que um inglês, qualquer inglês, pudesse cobiçar a mulher de outro homem" (ROY, 1998, p. 50). Assim, a dis-

tância, somada ao descrédito da palavra feminina, acentuou o problema, que era ser uma mulher separada.

Até o momento da análise, foram apresentados os pontos fundamentais da discussão beauvorianiana sobre o casamento e como isso se dá em cada narrativa. Contudo, os exemplos que denunciam a relação abusiva que a sociedade estabelece com o corpo feminino e a imposição do matrimônio não cessam. Em *Desmundo*, fica evidente desde o princípio, que as órfãs não tinham outro destino, além de se casarem, e o ato de se unir a um homem era, também, um mecanismo 'educacional', como se lê a seguir:

Disse o padre ser eu pura e virgem donzela criada em mosteiro de freiras, à luz da absconsa, que podia passar a papinhas de pão ralado, leite fresco coado e uns alfinetinhos, de pele rosa bela e olhos madressilva, ainda a florescer o corpo, de alma que se podia amansar como se faz a um cavalo, se era defeituosa, deixasse a pão e água que ia a limpar, como me houvesse ferrado para vender por moura e ferro no pé (MIRANDA, 1996, p. 56).

Assim, havia uma convenção de que as mulheres, que não se curvassem ante a seus maridos, podiam ser castigadas, de modo a obedecerem às regras sociais pre-determinadas pela Igreja, propagadora do discurso patriarcal. Não havia outro destino possível, sendo necessário aceitar a condição imposta, ou o castigo era certo. Aqui é possível retomar a discussão da aceitação feminina ao papel de outro. Quantas tinham consciência da brutalidade sofrida? Quantas estavam dispostas ao castigo? Oribela, além de tudo, não dispunha de família. “Que vida era a tua? Que fazer acá, porquera? Que não quisera se casar? Não tens padre ó madre e te deram de improviso uma vida, queres uma desastrada vida, uma mulher tal bela como pura? O que quer, a tristura? Tú estás fora de ti.” (MIRANDA, 1996, p. 62).

Ao estar completamente entregue ao Estado, a ela não restava alternativa, nem o questionamento; retomando, ainda, a ideia da falta de parceria entre as mulheres e o papel assumido de defensoras do discurso patriarcal, já que essas tomavam conta das órfãs e não ofereciam outra opção, pois não compreendiam os anseios individuais e apenas repetiam a necessidade de casá-las. A obrigatoriedade do casamento era fato consumado, independente da aceitação da noiva: “Mais olhava o rosto de Francisco de Albuquerque, sua sobrançelha, seu nariz, seu queixo, mais sofria. Sua mão a tocar a minha mão, dava náusea” (MIRANDA, 1996, p. 75). E, a partir do momento em que o matrimônio acontecia, seu corpo, que já não era seu na integralidade, passa a ser do marido, que o 'utiliza' como bem entende: “Veio Francisco metendo seu corpo em mim. Isso é que era o falado amor? Era isso? Se já

não causava tanta pena, ao menos me deixava nos intróitos de uma coisa mais admirável que o mistério” (MIRANDA, 1996, p. 99).

Em *O Deus das pequenas coisas*, esses acontecimentos se manifestam com outras nuances, mas também de maneira dura e cruel. A princípio, o casamento foi uma escolha para Ammu, mas é perceptível que não havia outra opção.

Pappachi insistiu que a universidade seria uma despesa desnecessária para uma moça, de forma que Ammu não teve outra escolha senão deixar Délhi e mudar-se com eles. Havia muito pouca coisa para uma jovem fazer em Aymenem além de esperar propostas de casamento enquanto ajudava a mãe no serviço doméstico. Como seu pai não tinha dinheiro suficiente para levantar um dote aceitável, Ammu não recebeu nenhuma proposta (ROY, 1999, p. 46).

Nessa passagem, além da questão educacional já mencionada, apresenta-se um outro ponto determinante para a condição feminina, que diz respeito à vida financeira. A família de Ammu não tinha condições de oferecer um bom dote, então, não havia bons pretendentes e, na ânsia de se ver livre da família opressora, ela 'escolhe' o marido possível e acaba por adentrar numa situação ainda pior: “Ammu sentia repugnância pelo cheiro medicinal de álcool choco que exsudava da pele dele, e pelas placas de vômito seco incrustadas em sua boca como uma torta, toda manhã” (ROY, 1999, p. 50). A falsa escolha, a escolha paliativa, como aponta Stuart Mill (2017), revelou-se avassaladora. Ammu não levou em consideração que o marido poderia ser tão ruim ou pior do que estar em família. O alcoolismo passou a ser o grande impedimento da sua felicidade, desde o primeiro dia, "relembrando aquele dia [do casamento], Ammu deu-se conta de que o brilho ligeiramente febril nos olhos do noivo não tinha sido de amor, nem de excitação pela perspectiva de felicidade carnal, mas sim devido acerca de oito grandes doses de uísque. Puro. Sem gelo" (ROY, 1998, p. 47). Desse 'hábito' do marido, vieram os sofrimentos, as surras, nela e nos filhos gêmeos, e a tentativa de negociá-la em prol de manter seu emprego na fazenda de chá:

Durante o café, mr. Hollick propôs que Baba viajasse por algum tempo. Umas férias. Em uma clínica, talvez, para tratamento. Pelo tempo que fosse necessário para melhorar. E mr. Hollick sugeriu que, enquanto estivesse fora, Ammu fosse mandada para o seu bangalô para que ele 'cuidasse dela' (ROY, 1998, p. 50).

Nesse excerto, a objetificação do corpo feminino aparece de forma clara, tanto na proposta do chefe, quanto na ausência de indignação por parte do marido que,

com o objetivo de manter o emprego e se tratar do vício, considerou a proposta como plausível. Em outras palavras, Ammu estava sendo negociada, de acordo com a necessidade masculina daqueles homens e, aquele que deveria respeitá-la e protegê-la, passou a agredi-la para que aceitasse a 'sugestão' do patrão.

Ammu ficou olhando a boca do marido formar as palavras. Não disse nada. Ele ficou incomodado e depois furioso com o silêncio dela. De repente, pulou em cima dela, agarrou-a pelos cabelos, deu-lhe um soco e caiu desmaiado por causa do esforço. Ammu pegou o livro mais pesado que encontrou na estante, o Atlas Mundial da Reader's Digest, e bateu nele com toda a força. Na cabeça. Nas pernas. Nas costas e nos ombros. Quando ele recobrou a consciência, ficou perplexo com os hematomas. Desculpou-se abjetamente pela violência, mas imediatamente começou a atormentá-la para que o ajudasse com a transferência. Isso acabou sendo um padrão. Violência alcoólica seguida de insistência pós-alcoólica (ROY, 1998, p. 50).

Não bastasse seu pedido de ajuda ser um absurdo, ele ainda a agredia diante da negativa. Essa situação de extrema ofensa física e moral estendeu-se aos filhos, fazendo com que Ammu o abandonasse, voltando para o lugar de onde tanto quis fugir. De tal modo, é possível perceber que as personagens estão num círculo vicioso determinado pelo patriarcado, que não permite um caminho independente e livre, já que isso é constantemente negado. Para Ammu, que resolveu se arriscar com o casamento, o resultado desencadeou em algo ainda pior, pois passou a ser divorciada, sem renda, com dois filhos para criar, transformando-se num peso para a família, que, de acordo com os preceitos da sociedade, ela deveria ter suportado, mesmo diante das más condições oferecidas pelo marido.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem inúmeras questões presentes nas duas narrativas que confirmam o que foi dito até aqui e citar todas tornaria o trabalho inviável. Acredita-se que os recortes realizados conseguiram demonstrar a representação da condição feminina nas duas obras do *corpus*, sobretudo no que diz respeito ao casamento como ferramenta de manipulação das mulheres e o impedimento ao desfrute de indivíduo pleno de vontades e direitos.

Pensar os textos aqui analisados, a partir da perspectiva de Simone de Beauvoir, correlacionando o pensamento da filósofa à materialidade literária, contribui para a percepção de como os mecanismos do patriarcado são instaurados na sociedade, em forma ficcional ou não, para o controle do corpo das mulheres e sua ma-

nutenção enquanto o outro, o inessencial, condição *sinequa non* para os homens permaneçam no lugar de dominação, que sempre ocuparam. Diante disso, foi fundamental promover tais análises, discutir a questão feminina para que fissuras sejam criadas nesse sistema opressor que está em todos os lugares, em todas as culturas, transformando a vida das mulheres num verdadeiro inferno.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. Fatos e Mitos.** Tradução Sérgio Millet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. A experiência vivida.** Tradução Sérgio Millet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado.** Vinhedo, Editora Belo Horizonte / Rio de Janeiro, Editora UERJ, 2012.
- MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres.** Tradução Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- MIRANDA, Ana. **Desmundo.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- PEREIRA, Juliana C. M. **As figurações do feminino em *Desmundo* (1996), de Ana Miranda.** Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara).
- ROY, A. **O deus das pequenas coisas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVA, J. **Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda.** Recife: Independently published. 2019.
- TIBURI, M. **Feminismo em Comum. Para todas, todes e todos.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- ZOLIN, L. Literatura de autoria feminina. In: **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** Orgs: Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3ª ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2019.



Oribela and Ammu under the eyes of Simone de Beauvoir

ABSTRACT:

This article intends to discuss, based on the reading of *The Second Sex*, by Simone de Beauvoir, the feminine condition through the characters Oribela and Ammu, main characters of Ana Miranda's *Desmundo* (1996), and *The God of the Small Things*, Arundhati Roy's (1998), respectively. In both works, there is the representation of the brutality imposed on the women's body by the patriarchal system that operates in both narratives, especially with regard to marriage, the focus of this debate. In order to understand such situations, we will use the Beauvoirian propositions about the female situation of subjugation, regardless of the culture in which it is inserted.

KEYWORDS:

Simone de Beauvoir;
Female Author Literature;
Oribela;
Ammu;
patriarchy.